

Projeto: "Mapeamento de terreiros de Candomblé RJ- IPHAN"
Local da entrevista: "Terreiro de Ogumjá"
Logradouro: Rua Catulo da Paixão Cearense, 13, lote 31- Recreio da Yeda- Imbariê- Duque de Caxias- RJ.
Data da Entrevista: 28/02/2008.
Entrevistado: Pai Gustavo de Ogum.

E- Foi o Roberto e a Lillian quem nos indicou o seu nome.

P.G- A Lillian é uma das minhas primeiras filha-de-santo, tem 28 anos de santo. Eu estou com 33anos de santos, tinha 17 anos, fiz santo novinho, tenho 33 anos de santo, foi em 22 de Novembro de 1975. Estou com 49 anos, vou completar 50 esse ano.

E- A Lillian e a Deisemar cantaram umas cantigas de Jejê eu fiquei muito encantada, a Lillian é muito inteligente.

P.G- Ela estuda muito, eu também procuro estudar bastante, o Candomblé é uma religião de muita sabedoria, ela já falava coisas que só agora a ciência veio falar, antigamente não se falava que a energia se desprendia do corpo, ou que ao carne adubava a terra, as cantigas do africano já dizia isso há 1000 anos, agora é que a ciência vem explicar. No segundo grau eu já me interessava por isso. Nas aulas de Física o professor falava dos fenômenos físicos, dizia que não guardava relação nenhuma com espíritos, mas eu me intrigava, já havia feito santo me questionava, por que o candomblé traz explicações para esses fenômenos há muito tempo, não pode ser taxado de algo primitivo. O candomblé já dizia nas cantigas sobre as duas energias uma que se desprende do corpo e outra que aduba a terra " **Modelê émo ekê padelô ,modelê fuko omoré... Olô axé lopá, lopá, se dividiu, a força se dividiu, ekô lopá bodo lé, se dividiu no espaço, foi para a terra, lé foi para a terra.** O candomblé é muito sábio, não há nada de primitivo, se fosse assim, então, eu que já cursei nível superior já teria largado, não é assim.

E- Hoje pelo contrário o que mais se ouve é dizer que o Candomblé é uma religião para aqueles que são inteligentes, pois exige uma necessidade para compreender e é rica em ensinamentos.

P.G-Exatamente, no Candomblé, você precisa ter tempo de dedicação para entender a religião, a língua, senão você não entende os preceitos... Eu adoro traduzir as cantigas, não consigo traduzir todas, mas eu aprendo bastante.

E- Eu gostaria muito também de fazer essas traduções, mas às vezes é difícil.

P.G- É difícil por que existiu o sincretismo entre as tribos, no momento da visita, sempre acontecia à mistura, e as cantigas absorveram muito dessa característica. Uma parte ficava na língua da tribo visitante e a outra na tribo visitada, isso é comum em cantigas de Angola, veja essa: " **Emoadôê karietango emo angô ê**", é de Xangô, olha que interessante você encontra muito essa mistura, palavras do Ketu em cantigas de outra nação e vice e versa. Tinha um amigo africano e ele me explicava exatamente que o porquê disso se dava por conta dessas visitas.

E- Conta então como foi a sua história.

P.G- Ainda pequeno, morando em Quintino, em alguns momentos durante a noite, eu dormia em meu quarto, mas acordava no quarto da minha mãe, não entendia, não sabia como eu chegava lá, mas a minha mãe dizia para a vizinha, que eu havia falado durante a noite que estava ali para proteger os dois. Também ouvia vozes, parecia existir um eco, dentro de mim, gritando: Gustavo! A minha mãe freqüentava Umbanda, um dia na umbanda, com oito anos, eu me lembro que eu senti a batida do tambor dentro do meu peito, eu disse para minha mãe que estava passando mal. Ela me levou para falar com a vovó, lá dentro do quarto, a vovó pegou a minha mão, soprou a fumaça do cachimbo, e cantou: “Salvar Jorge Guerreiro, que veio guerrear, seu peito é de bronze é fora do de metal”. Eu ali não entendia, e todo mundo que abria jogo para mim dizia que eu era de Oxaguiã, você tem que raspar para ele. Com 15 anos fui procurar uma casa, busquei, busquei. Fui e achei seu Silvio, pai de santo, que disse para eu vir com a roupa do corpo que ele faria meu santo. Eu tinha um amigo, o Gilberto, que era filho-de-santo de Odesse de Cabuçu, e aí meu amigo Gilberto me perguntou e eu disse vou fazer santo lá em Piedade é Angola, ele disse que iria por Yao lá no pai-de-santo dele, quando ele chegou lá, pai Odesse abriu o jogo para esse outro amigo do Gilberto que ele havia levado primeiro e o pai-de-santo disse para o Gilberto se tinha outra pessoa para fazer santo, porque o jogo deu que tinha. Gilberto falou de mim, que era de Oxaguiã, e o pai-de-santo pediu para que ele me levasse porque ele não tinha Oxaguiã. O Gilberto veio me dizer e eu fui preocupado, pensando que era grave, e Odesse para eu ficar ali que ele me colocaria em um barco e me faria. Eu tinha 17 anos, o pessoal de Piedade ficou com tudo comprado e eu não fiz lá, fiz com Odesse, Quando ele foi se consultar com **Ebomedila**, deu no jogo que eu era de Ogum. Deu as coordenadas, eu recolhi, fui o primeiro Ogum da casa e eu entendi porque a vovó cantou aquela música. Veja a visão que a preta-velha teve.

E- Eu tenho um irmão que quando ele nasceu minha avó que era rezadeira deu uma medalha de São Jorge, e ele é de Ogum.

P.G- depois morei na casa de Candomblé por três anos, o nome do meu pai-de-santo era Humberto Gonçalves de Jesus, Odesse de Cabuçu, e com ele aprendi muito porque eu o acompanhava direto. Quando ele morreu eu fiquei tomando conta de forma interina do axé, Mãe Regina do Bombochê jogou e disse que o cargo era de uma irmã de Yemanjá, já falecida. Depois de um ano, eu toquei a casa, cheguei a por um barco.

E- Quantos anos têm que ele faleceu?

P.G- Tem 13 anos.

P.G- Depois Mãe Nitinha jogou e essa menina de Yemanjá morreu e ela falou que o Carlos deveria assumir, entreguei o cargo e pensei em abrir uma casa, procurei um local achei esse há 14 anos, adorei. Comecei a construir e fui fazendo yaô internamente, fui gravando desde o primeiro dia da obra, dia que plantou o axé, todos ficavam aqui trabalhando.

E- E a inauguração do terreiro?

P.G- Queria inaugurar com tudo pronto, marcamos uma data não deu, a inauguração foi 12 de Outubro de 2001. Uma grande festa está tudo filmado. Eu vou narrando tudo desde a construção, eu quis registrar tudo, não queria ser babalorixá, mas depois da morte dele, aí decidi. Quando ele morreu Mãe

Nitinha tomou conta de mim. Agora em Maio teria a festa de Ogum, mas ela faleceu.

E- Apesar de doente, não esperava a morte dela, ela era durona.

P.G- Estava bem, foi de repente, ela botou Yaô, mas passou mal, ficou mal e faleceu.

E- o Roberto me chamou para o axexê, mas não sei se pode não posso ir a todos os dias.

P.G- Tem que evitar o primeiro, se for a ele tem que ir a todos, eu vou, na o a todos porque tenho as audiências, os clientes, mas eu vou a alguns.

E- Qual a sua data de nascimento?

P.G- 13/08/1958.

E- Da fundação da casa tem uma história interessante para contar da casa ou de santo? Pode falar do seu pai-de-santo ou da Nitinha.

P.G- Meu pai-de-santo comandava com estilo militar, tanto que quando fui para o exército eu não senti nada daqueles esforços, ele era rigoroso, era uma ditadura. Sexta-feira éramos obrigados a ir para a roça, nós rezávamos para chegar a Segunda, era um exagero, por exemplo, ele sentava na cadeira e verificava a roupa de um por um, se você de Oxalá ele olhava, se não tivesse com a roupa alva, ele mandava trocar de roupa. Ele fazia assim, poderia não te tratar bem, mas o seu orixá, ele cobria de ouro, ele impedia a saída do filho por que dizia para o orixá para não deixar o filho sair dali. E o orixá não deixava. Muita gente que queria sair daquela ditadura, acabava desistindo, ficava com medo.

E- Esses rigores eram exagerados?

P.G- Sim, mas necessário. Hoje o Candomblé está bagunçado, deveria existir uma federação para fiscalizar, assim como se criou o conselho de justiça recém-criado pelo governo federal.

E- Mas você acha que uma federação, como se faria essa vigilância?

P.G- Tomava por base não discriminando ninguém, o que existe hoje das casas fundadoras de Candomblé. No Angola, temos o Bate-Folha e Tumba Jussara, de cada uma das casas sairia um representante, além dessas, Casa Branca, Gantois, Opo Afonjá, Bogun, Casa de Oxumaré, e Roça do Ventura. Esses conselheiros fiscalizariam cada grupo de conselheiro coordenaria e vigiaria os integrantes de seu axé. Regulamentar como, quando abriu a casa, veja bem, não quero discriminar ninguém, hoje tem casa de Candomblé que virou carnaval, parece que orixá esta na Marquês de Sapucaí. A origem da religião é pobre, vem da escravidão, com o passar do tempo introduziu-se o luxo, mas isso em muitos lugares extrapolou. Tem uma casa na festa de Olubajé, mandou fazer mais de 50 cestos de pipoca, as pessoas saíram de lá dizendo que estava nevando. Poucas são as casa que cultuam o orixá com seriedade. Nenhuma religião faz nada sem cobrar, a Universal, a católica. O sacerdote do Candomblé também precisa, mas tem gente fazendo disso um comércio efetivo.

E- É por isso que nesse trabalho priorizamos as casas mais antigas, dando a prioridade aos antigos que seguem as regras antigas, não adianta levantar 3000 casas e elas não representarem a essência, é melhor fazer 20 e conseguir mapear aqueles que mantêm a tradição.

P.G- O Candomblé é tido como uma religião, tida como a que não pratica a caridade, eu aqui, me solidarizo com as pessoas, fico triste quando vejo uma

criança passando necessidades, sabe o Candomblé, vai cada vez mais abrindo casa sem fiscalização, nunca passou por sacrifício espiritual, muitos enriquecem, prestam alguma caridade, vai para o pedestal, deveria ter fiscalização. Outra coisa são as ONGs, hoje são defenestradas pelo Ministério Público, um amigo disse para mim, que ONGs, não prestam caridade para ninguém, se você quer fazer caridade através delas você vai se dar mal, pois político não libera dinheiro para ONG que não seja desviado. Há um tempo, eu morava em Irajá, eu abracei uma favelinha, e do meu bolso todo ano eu dava brinquedo, estava advogado criminal, meu sonho era mudar aquela realidade. Mas, as casas de Candomblé que fazem esse trabalho, são poucas hoje. Lá na Bahia, fui à Bahia, fiquei um tempo lá, o Candomblé é divulgado nas emissoras de televisão, quando a mãe-de-santo do Gantois morreu a televisão acompanhou tudo, lá ainda existe essa divulgação, mas no Rio, divulgam para confrontar ou comparar uma religião com a outra

E- Na novela mataram, não sei por que mataram a mãe-de-santo...

P.G- Eu quero fazer uma ONG de verdade, para atender a comunidade, as crianças, aos adultos que não sabem ler nem escrever, que trabalham durante o dia e poderiam estudar à noite. Eu tenho um filho-de-santo aqui, o Badu que há sete anos eu batalho para que ele volte a estudar. Eu aqui já faço algum tipo de caridade como advogado, tipo vara de família, separação, eu não cobro, aqui eu tenho, aqui tem muita incidência de pessoas que não tem o registro de nascimento, então eu já faço isso e em breve eu vou colocar uma faixa divulgando isso, de forma gratuita. Eu penso isso o Candomblé precisa dessa injeção.

E- Têm algumas casas fazendo isso, artesanato, pessoas aprendendo a fazer roupa-de-santo, roupa de orixá, pintura, cursos, cesta básica.

P.G- Eu quero entregar cestas básicas, serão cinquenta cestas básicas se Deus quiser.

E- Aqui já tem nome?

P.G- Tem, é Sociedade São Jorge e justiça para todos.

E- Muitas param no meio do caminho, mas outras vão. A Meninazinha está implementando curso de culinária, artesanato com esses recursos que deram a ela.

P.G- É tem que fazer. Aqui por exemplo tem umas dez crianças que vão para a escola, mas o Ciep tem deficiência, meu filho estudou lá e não aprendeu quase nada, coloquei em escola particular, então precisa de algo. Eu sempre corri atrás, o meu pai me deu incentivo, quando terminei o segundo fiquei sem estudar, depois fui enfermeiro, trabalhei no Hospital Souza Aguiar, depois fiz concurso para bombeiro, essas ambulâncias criadas para socorrer na rua.

Iniciei em 1986 e fiquei dez anos, na prefeitura eu fiquei 15 anos como enfermeiro, no salgado Filho. Quando cruzaram as folhas no governo Collor eu tive que optar por um, sai da prefeitura, não deveria, porque quando me formei advogado tive que largar os bombeiros, pois militar não pode advogar.

E- Na verdade assim, existe um termo antropológico Comunidade de terreiro, que caracteriza esse sentido social do qual falávamos antes, como existe no Opo Afonjá, existe escola dentro do terreiro, funciona como uma micro-sociedade, aquela velha **Ebomi** falece e fica a filha dela, mas aqui no Rio de Janeiro não tem mais esse espaço todo.

P.G- Aqui os filhos mais antigos têm o seu cantinho, tem seu quarto e seu banheiro, assim eu pensei em construir, eles têm seu cantinho.

E- E sobre as festas de calendário, como são? Quando acontecem essas festas aqui?

P.G- A gente começa com Oxossi em Maio ou início de junho, depois Ayrá no início de Junho, depois da fogueira de Ayrá, em Agosto tem Olubajé, em Outubro tem a festa das Yabás, em Novembro tem a festa de Ogum. Dia 12 de Outubro tem a festa mais comentada, que é a festa das crianças, junta muita gente aqui no portão, dou brinquedo, dou cesta básica.

E- Festa de erê, todo mundo gosta, todo mundo tem dinheiro para fazer um bolo, pode não ter para outro, mas para erê...

P.G- Aqui a festa de erê é grandiosa, vamos à Rua da Alfândega e Mercado de Madureira, ano passado até sobrou...

E- vocês não fazem águas de oxalá aqui?

P.G- Sim, esqueci, fazemos sim, é em Setembro.

E- Esse calendário segue o Engenho -Velho da Bahia?

P.G- É mais ou menos, porque Mãe Nitinha me pediu para eu não fazer Oxossi antes da Casa Branca, como lá em Corpus Christie, quase sempre cai em Maio, então só depois a gente faz.

E- Meu centro também segue um calendário parecido, somente as Águas de Oxalá que fazemos em Janeiro.

P.G- Aqui Oxalá cai depois da Casa Branca, lá Oxalá sai no final de Agosto, são três domingos, o primeiro domingo é o ebô, o segundo Oxalá Velho e o terceiro é o pilão.

E- Já foi lá?

P.G- Já. Fico pensando como vai ficar sem Mãe Nitinha sabe, ela que comandava tudo, vai ficar estranho. Ela cantava, dançava com orixá.

E- quem comanda lá?

P.G- Lá é Mãe Tatá, Mãe Nitinha era Mãe pequena da casa. Na internet tem muita coisa sobre os terreiros da Bahia.

E- São quantos filhos-de-santo aqui?

P.G- Aqui é difícil, tem uns trinta.

E- Qual o nome do axé?

P.G- Aqui é terreiro de Ogum.

E- Não tem aquele nome Ilê Axé...

P.G- Não, eu coloquei os nomes como eram usados na Bahia no início, na casa de Nitinha mesmo tem. Aqui é terreiro de Ogunjá.

E- Tem ekedi e Ogan?

P.G- Tem o que mais é Ogan.

E- Quantos

P.G- Por alto, tem uns dez ogans. Tem muito, eu vou fechar para ogan, ekedi é que tenho poucas.

E- E os cargos de hierarquia tem?

P.G- A Mãe pequena mora aqui, comprou uma casa, um terreno aqui perto, é a Tia Iaiá, tem o cargo de Otum axé, que é o Luis, tem a yabacé, que é a ekedi Fátima, Yamorô (Gibê) assim a chamamos, Auxiliadora, de Obaluayê.

E- Yadagã, yaefun, yaguibé?

P.G- Yaefun... Camile.

E- Tem Axogun?

P.G- Tem o Francisco, o Sérgio.

E- Tem mais de um axogun?

P.G- Tem. Pegigã Vilma, a Yadagã é Lourdes de Yansã, esses são os mais presentes.

(A entrevista segue, agora percorrendo o quintal do terreiro).

P.G- Aqui é o quintal do Candomblé não repara não...

E- A gente pode tirar foto?

P.G- Ah, meu Deus, mas está tudo desarrumado...

E- Não tem problema não é por que a gente faz o registro, faz o croqui da casa.

E- Aqui é o quê?

P.G- Aqui é a casa de Exu.

E- E aqui é a cozinha.

P.G- Aqui é uma casa de Exu-porteira. Mais a frente é a casa de Ogum. Mas vou passar Ogum para cá e ali será a casa de Oxum.

E- Aqui já é o barracão. Muito bonito. Isso aqui é bonito é de Oxum?

P.G- É de Oxum, vou colocar em frente à casa dela (se referindo a uma fonte).

P.G- Ali são os quartos de santo, casa de caboclo, Ogum, do lado do barracão.

E- tem a jaqueira...

P.G- Ela já estava morta, quando coloquei a casa de caboclo aqui em volta ela renasceu.

E- Então tem Oxum, Ogum...

P.G- Tem Oxum, Ogum dos filhos-de-santo, que fica junto com o meu, tem Oxossi, a casa de Obaluayê, e o canto será a cozinha de santo. Para cá é o quarto de Ayrá.

E- Aqui fora tem a árvore do **acocô** e Ayrá...

P.G- Aqui é a casa de Oxalá, aqui mais a frente é a casa de Xangô, mais a frente à gente guarda as coisas do Candomblé e mais a frente onde o orixá se arruma. Daqui para lá, bem eu procurei dividi na frente eu coloquei os orixás e atrás as pessoas, somente Oyá e Babá que é necessário ficarem no fundo do terreiro. Aqui é o quarto da ekedi Penha, esse é de uma filha-de-santo, que mora com o marido e os filhos Sindarewá, depois o quarto da ekedi Fátima e sua família. Mais á frente tem um quarto de outra filha-de-santo a Yara, esse outro é do ogan Sérgio, que é vice- presidente da roça, depois a casa de Oyá e Babá, depois o quarto do Luis, que é Otum Axé. Depois o quarto do ogan Badu, depois o escritório de atendimento da ONG, onde são realizadas as consultas. Depois a casa da Yadagã Lurdes.

E- Esse terreiro está comunidade...

P.G- Aqui é o quarto de outra filha- de-santo, que me acompanha depois o quarto de Gidê, e aquele maior, é de um filho-de-santo o Eder, de Ayrá, de Rocha Miranda que quando vem traz os filhos-de-santo dele. Aqui até quase o outro lado da rua é a casa da Tia laiá, a mãe pequena da casa.

E- Qual o nome da senhora?

J- Yá Janeth, Tia laiá.

E- É muito raro terreiro que tenha uma planta encomendada, planejada por um arquiteto, até hoje nas visitas apenas um fez isso é natural...

P.G- Eu aqui fiz praticamente os desenhos dos quartos.

E- Tia laiá quantos anos de santo a senhora tem?

J- Eu tenho 78 anos de idade de idade, nasci em 19/12/1929, eu faço 71 anos de santo hoje.

E- Se eu chegar de idade o que a senhora tem de santo...

J- Tenho filha com 58 anos de idade, a mais velha.

(A entrevista segue agora, de volta ao escritório da casa do pai-de-santo, durante a mostragem de fotos antigas).

E- Mas ele faleceu, ela já tinha feito.

P.G- Já tinha feito, ela fez essa obrigação junto com ele. Na minha obrigação de sete anos, ela botou baiana.

E- Você tem foto disso? Antes da festa?

P.G- Não, porque a gente não tira. Nem antes, nem depois. Eu fiz obrigação em 1984.

E- Que pena.

P.G- Lá no ritmo do Candomblé não deixa tirar foto, o Candomblé da Casa Branca não tira foto.

E- Às vezes tem disso. Não tira dentro do barracão, mas tira fora.

P.G - Eu tenho é uma lembrança da minha obrigação de sete anos, eu tinha uma lembrança assim; "Obrigação de sete anos de Gustavo de Ogum, 24/11/1984". Eu cantava o Candomblé na casa do seu Paulo da Pavuna, eu cantava eu que fazia tudo. Aí eu tenho essa caneca aqui, é de lá, um ano antes de eu fazer obrigação de sete anos.

E- Uma lembrança grande.

P.G- É 1983.

E- Que legal! Lá para cantar o Candomblé, ele ficava irritado.

P.G- Eu tenho medo de quebrar, agora ele morreu.

E-É eu não cheguei fazer...

P.G- Gostava muito dele.

E- Eu já o conheci muito doente.

P.G- A Yansã dele me amava, era impressionante, a Yansã ficava maluca quando me via! Aí me mandava cantar para ela.

E- Eu sei que ele era muito rigoroso.

P.G- Era, mas era muito bom, excelente babalorixá.

E- Eu quando comecei a procurar pelo nome dele ele já estava muito doente, o conheci na casa de Meninazinha, ele chegou carregado, não me senti com liberdade...

P.G-Eu fui visitar ele uma vez quando ele estava doente, mas quando eu gosto de uma pessoa não consigo...

E-É triste à beça.

P.G - O seu Valdomiro não gostava muito de mim.

E- Ele era meio implicante não é?

P.G- Ele não gostava de mim por causa dessa coisa de cantar, porque eu me dediquei muito para cantar Candomblé, o pessoal me considera um grande cantador de Candomblé, e onde ele estava às vezes na casa do seu Paulo da Pavuna mesmo ele ficava doente de me ver tomando à frente para cantar, eu estava lá para cantar o Candomblé, ele ficava irritado. "Ele achava que por ser mais antigo, ficava digladiando, dizia: "Agora vai ver o que ele está cantando". Mas nunca dei confiança. Tem que engolir. "Mãe Nitinha me adorava cantando, fui a uma festa e ela pegou o adeja dela que não dava a ninguém e disse para mim: 'Você é quem vai cantar para Oxalá'. Só faltou a casa vir abaixo, Nossa

Senhora da Penha, nêgo ficou para morrer. “Ela deu o adeja na mão do Gustavo”.

(Ainda falando sobre tradição inovação no Candomblé na atualidade).

P.G- Na Mabejii, que coisa linda, você aquele centro com cara de Centro, aquela mulher idosa, casa cheia, todo mundo trabalhando, costurando, você sente o sincretismo, mas tem lugar que você chega o pessoal fantasia o santo, faz aquela máscara para Obaluayê, Ele sai com umas roupas assim, com a palha - da - Costa para trás...

E- Ele não merece isso não... Eu não vi todos, mas hoje se grava as festas de santo, o Doté de Yansã faz, já viu os DVDs, dele...

P.G- Aquele que enforca Oxumaré, uma cobra enorme, esse DVD está rolando por aí, Mãe Nitinha arrasou ele, ela colocou ele abaixo de zero, dizia que ele estava denegrindo a imagem do Candomblé, no vídeo Oxumaré estava com uma jibóia, e a jibóia acabava enforcando Oxumaré, correram para tirar... Tem que ter fiscalização para fechar um terreiro desse tipo, aqui não eu não aceito isso, não tem bagunça, você tem a vida toda para curtir a vida, o lazer, fora da casa-de-santo, eu e meu filho Mateus, às vezes, vamos ao baile de Hip-Hop, e eu danço, me transformo, ele paralisa o baile, ele dá show. Eu digo você fora da casa de Candomblé, você pode participar ter o seu lazer, casa de Candomblé é para cultuar orixá, deixa o resto de lado.

E- Isso tudo me assusta, a gente tem que respeitar não fazer essas coisas, tipo, colocar Yansã com uma boneca preta parecendo uma bruxa, ela não é assim.